



# Biologia In Situ Podcast

## BIOMETACAST 004 - A REVOLUÇÃO DOS BABIRUSAS: A VERDADE QUE GEORGE ORWELL ESCONDEU

[Carro buzina]	
Cafeína	Você está ouvindo Biologia In Situ Podcast, porque todas as estradas levam a biologia!
[Pássaro canta] [Som de cachoeira] [Som sintético cortante]	
[Música alegre]	
Ricardo	Olá, bio-ouvinte, bem-vindo a mais um Biologia In Situ podcast, e dessa vez trazendo pra vocês a nossa série Biometacast, aquela em que a gente interage com outros podcasts, seja de uma forma ou outra. Hoje, dessa vez, eu não tô sozinho. Eu sou seu host, Ricardo Gomes, e comigo tá aqui Cristianne Santos.
Cristianne	E aí, bio-ouvintes, como é que vocês estão? Tudo bem?
Ricardo	Eles estão bem sim, porque eles estão ouvindo a gente, Cris.
Cristiane	Ah, agora sim [risos]. Agora eu tenho certeza.
Ricardo	[risos] E hoje, a gente vai falar do Informe do Almanaque do Jovem Fazendeiro. Gente, se vocês não conhecem esse podcast, vocês estão perdendo uma coisa muito boa. O Informe do Almanaque já tem 4 temporadas no ar e hoje a gente vai falar justamente do primeiro episódio da quarta temporada, o episódio Swing Suíno - já dá pra ver aí pelo nome, né, que é uma coisa muito peculiar.





# Biologia In Situ Podcast

<b>Cristiane</b>	Interessante, viu! Interessante.
<b>Ricardo</b>	[risos] Suínos são sempre interessantes.
<b>Cristiane</b>	Oh, como são!
<b>Ricardo</b>	[risos] Mas antes de começar o nosso assunto de hoje vamos pros os nossos recadinhos.
<b>[Buzina toca] [Som elétrico cortante] [Som de cachoeira] [Pássaro canta] [Som elétrico cortante]</b>	
<b>Cristiane</b>	Olá, bio-ouvinte. Tudo bem com vocês? Aqui quem fala é Cristiane. Vocês devem me conhecer aqui da coordenação das transcrições. Também já participei de alguns episódios. Mas hoje eu vim trazer uma novidade para vocês, sim. Sabe aquele trabalho acadêmico que a gente termina e ainda precisa revisar todo o texto e formatar antes de enviar? É a partezinha mais chata, né, mas a parte mais imprescindível. Não dá pra enviar um trabalho sem revisão de texto, retirar os erros e na formatação esperada. Então se você tá com pouco tempo, sem paciência pra fazer essa parte, ou desesperado porque o prazo tá batendo na porta, a Edusup Mundo Acadêmico tem a solução pra você. E fora isso a gente tá com um combo super promocional pra vocês bio-ouvintes. É isso mesmo. Se vocês acessarem os links aqui, do Instagram da Edusup e também do Gmail, e colocarem lá que são bio-ouvintes, você vão ganhar 50% de desconto nesses dois serviços. Sim, gente, 50% de desconto no valor total do orçamento. Vão lá conferir os serviços da Edusup Mundo Acadêmico, e fala que é bio-ouvinte pra ganhar essa super promoção.
<b>Heloá</b>	Olá, bio-ouvinte, aqui quem tá falando é a Heloá. Estou aqui apenas para dar alguns recadinhos pra vocês. Então, se vocês querem mandar uma cartinha pra gente, com algum elogio, com alguma crítica, com alguma





# Biologia In Situ Podcast

	sugestão, mande um e-mail pra gente no <a href="mailto:cartinhas@biologiainsitu.com.br">cartinhas@biologiainsitu.com.br</a> E, outra coisinha: caso vocês amem nosso projeto acha ele maravilhoso você pode também ajudar a gente, como: através do pix, só colocar lá <a href="mailto:cartinhas@biologiainsitu.com.br">cartinhas@biologiainsitu.com.br</a> e também no Picpay. Também só colocar lá <a href="https://biologiainsitu.com.br">biologiainsitu</a> . Você pode ajudar com a quantia que você quiser. E também temos nossas faixas no Padrim. Sim, no <a href="https://padrim.com.br/biologiainsitu">padrim.com.br/biologiainsitu</a> . Você pode ajudar a gente com quantias de \$1,00 por mês até \$100,00. É isso, bio-ouvintes. Tchau.
[Buzina toca] [Som elétrico cortante] [Som de cachoeira] [Pássaro canta] [Som elétrico cortante]	
[Música eletrônica]	
Ceará	E já que o assunto é porco, que tal conhecer um exemplar curioso da subordem dos suiformes, ou como são popularmente apelidados, suínos? O Informe do Almanaque do Jovem Fazendeiro traz agora os fatos mais pertinentes sobre o babirusa, um mamífero da família dos porcos e javalis que é natural da Indonésia, lar também do temível dragão de Komodo que, apesar do nome, é só um lagarto com halitose.
Ricardo	A Indonésia é um grande arquipélago em forma de país, ou seria um país formado por um grande arquipélago? Enfim. De qualquer forma o clima tropical que ocorre por lá garante a ele uma enorme biodiversidade, assim como o clima tropical aqui no Brasil garante uma enorme biodiversidade pra gente, inclusive com muitos animais que são endêmicos do país. Endêmicos são os animais que só ocorrem lá na indonésia. Por lá, são três espécies de babirusas que são distribuídas nas ilhas da região. Elas são: o <i>Babyrousa babyrussa</i> , que vive nas ilhas Buru e Suru; <i>Babyrussa celebensis</i> , que vive na Sulawesi ou Celebs Continental - Sulawesi é o nome local e Celebs é o nome mais





# Biologia In Situ Podcast

ocidentalizado que a gente usa pra mesma região; e tem também a *Babyrusa togeanensis* que habita a ilha de Togan. Essas 3 espécies do gênero *Babyrusa*, elas fazem parte da família Suidae e elas habitam regiões que são compostas por florestas de planícies inundáveis e florestas tropicais elevadas, ou seja, de menor e de maior altitude, ou seja, são florestas muito semelhantes às nossas florestas amazônicas que a gente encontra esses simpáticos, esses curiosos suínos, que também eles são chamados popularmente de porcos pigmeus. O gênero *Babyrusa* é considerado grupo irmão de todos os demais integrantes da família Suidae, mas se essa informação parece confusa pra você, bioouvinte, calma que a gente vai facilitar. Basicamente, o ancestral comum dos Suidae se divergiu, se diferiu, se dividiu em duas linhagens diferentes em algum momento da história cerca de 10 a 19 milhões de anos atrás, uma linhagem dando origem aos babirusas e outra linhagem dando origem aos demais porcos, javalis, os outros suídeos que a gente tem. Apesar disso, a família dos Suidae hoje conta com apenas seis gêneros. O membro mais conhecido certamente é o javali selvagem, que é a espécie que se chama *Sus scrofa*, e também tem a sua linhagem que é doméstica que é o *Sus scrofa domesticus*; essas duas espécies já foram introduzidas aqui no Brasil e aqui elas são consideradas exóticas, ou seja, elas não são nativas do Brasil, elas vieram de outro lugar e foram introduzidas aqui. Vai dizer que você nunca ouviu falar nas populações, superpopulações de javalis selvagens que já viraram problema tão grande aqui no Brasil? Esses javalis selvagens também são chamados as vezes de javaporcos, já que os javalis que foram soltos aqui no Brasil eles começaram também a se reproduzir com os porcos de cativeiros, porcos domésticos mesmo, e criaram um bicho ali meio híbrido. Bom, mas tá dúvida a gente vai te atualizar um pouco sobre isso. No início do século XX, os javalis foram introduzidos na Argentina com propósito de servir como caça esportiva, mas os animais fugiram e se espalharam pelo norte da Argentina, Uruguai e pelo sul do Brasil. Durante a guerra do Paraguai vários animais fugiram de cativeiros e se estabeleceram na região do Pantanal, e finalmente por volta da década de 90, 1990, uns 30 anos atrás, outros animais foram importados da França e do Canadá pro Brasil pra criação comercial aí já não era mais com um fim de caça esportiva, era com fim de comercialização pra produção de carne de javali mesmo.

**Cristianne**

Uma bagunça mesmo.





# Biologia In Situ Podcast

<b>Ricardo</b>	Não é, minha filha? E sabe que eu já comi carne de javali no rodízio muitos anos atrás?
<b>Cristiane</b>	Sério? E aí, qual o gosto? Porco? Suíno? [risos]
<b>Ricardo</b>	Eu nem me lembro. Eu lembro de não parecer alguma coisa muito especial não [risos].
<b>Cristiane</b>	Não, e o mais louco é que assim, tipo: eles deram um jeito de fugir todas as vezes, né, o problema deles se espalharem aqui, porque eles deram uma chance de fugir ali, eles tavam fugindo. E a gente vem trazendo várias espécies exóticas sem perceber muito como é que elas podem influenciar no nosso ecossistema aqui, né, nos ecossistemas brasileiros, né? Apesar de serem bem parecidos, a gente tem algumas problemáticas aí. Mas deixar o Ricardo continuar então pra gente ver onde essa bagunça toda foi parar.
<b>Ricardo</b>	Pois é. Bagunça mesmo. Assim como os babirusas, os javalis eles também vivem originalmente em habitats semelhantes aos que a gente encontra aqui no Brasil, com preferência por bosques e bastante vegetação, mas eles podem se esconder, se proteger com mais eficiência, mas também conseguem andar por áreas mais abertas a noite. Então, imagina só como esses animais se sentiram em casa ao serem introduzidos no Brasil. A diversidade de bioma e ainda mais biomas muito propícios pra eles se espalharem.
<b>Cristiane</b>	Parecidos, né, com o que eles têm no seu habitat original.
<b>Ricardo</b>	Sim, sim. E Cris, você sabe que eu trabalhei um tempo no Cerrado, e eu vi... Eu trabalhei três anos no Cerrado, na Serra da Canastra, ao longo desse tempo foi notável o aumento do impacto desses javalis, desses javaporcos, no parque especificamente, que era a área que eu frequentava. Eu cheguei a encontrar esses bichos duas vezes lá: uma vez eles passaram correndo em frente do nosso carro, era um grupinho de uns dois adultos e uns cinco filhotes mais ou menos, mas assim, os adultos eram do tamanho quase, não do carro, mas ali daquela parte da frente do capô do carro.
<b>Cristiane</b>	Uhum. Nossa!





# Biologia In Situ Podcast

<b>Ricardo</b>	Acho que eles batiam ali os adultos. O bicho é grande.
<b>Cristiane</b>	É enorme.
<b>Ricardo</b>	Uma outra vez eu vi um só, um só que tava sozinho, mas eu não sei também se ele tava de vigia pra um grupo que tava perto, que isso acontece também, da outra vez foi um só. E esses bichos, ao longo dos poucos anos que eu fiquei lá na Serra da Canastra, volta e meia, assim, em alguns lugares a gente via o solo bastante arado, arado e muito pisado, pisoteado, porque esses bichos eles se alimentam muito de raízes das plantas, então eles fuçam o solo, fuçam bastante, acabam matando boa parte da vegetação, porque eles tiram a raiz, comem a raiz, e a que eles não comem mata a planta, né, porque tira ela do solo, tira a raiz do solo, e ao longo dos poucos anos que eu fiquei lá na Serra da Canastra, eu consegui perceber muito mais arados desses de javaporcos. À medida que o tempo passava eram mais comuns em mais pontos do parque.
<b>Cristiane</b>	E dificulta, né, a regeneração natural, né, dessas áreas, né, porque o impacto é recorrente. As populações ainda tão lá, né, dos javalis então têm a morte das plantas, mas não tem o tempo suficiente pra elas conseguirem se restabelecerem, talvez esteja impactando no banco de sementes, a compactação dificulta, né, a germinação também. É muito problemático viu.
<b>Ricardo</b>	Sim. E esse bicho com a gente viu eles são de áreas mais florestadas, o Cerrado não é tão floresta assim, não tem uma vegetação tão fechada. E eles conseguindo se instalar lá como eles conseguiram o Cerrado não tem muita defesa contra eles não, porque não é um bicho de lá.
<b>Cristiane</b>	Sim. Não tem capacidade pra suportar um tipo de animal, uma espécie como essa, né, que demanda mais recurso do ambiente.
<b>Ricardo</b>	E o impacto que eles causam, né? E vale ressaltar que não são apenas os membros da família Suidae que são comumente chamados de suínos, a gente tem um segundo grupo que pertence a essa classificação que é a família Tayassuidae, da qual fazem parte os queixadas, também conhecido cientificamente como <i>Tayassu pecari</i> ; e os caititus que o <i>Pecari tajacu</i> . Esses são suínos também, dessa outra





# Biologia In Situ Podcast

	familia Tayssuidae, que são membros nativos da fauna brasileira, o queixada e o caititu eles são brasileiros mesmo.
<b>Cristiane</b>	Esse aí são aqueles bravos, né? Que ninguém quer encontrar pela frente, os queixadas, ou tô enganada?
<b>Ricardo</b>	Até que não. Os queixadas são menorzinhos, são mais tranquilos, eles são menorzinhos.
<b>Cristiane</b>	Tô julgando errado.
<b>Ricardo</b>	[risos] Aqui sem fazer nenhuma referência à antigas redes de restaurante mas o porcão que a gente cria ele, que é grandão, os queixadas catitas, os catetos, né, também chamados de cateto, esses são menorzinhos. Aqui por aqui no Brasil, tanto o queixada quanto o cateto, eles são chamados popularmente de porco do mato, e são comumente confundidos um com os outros, porque justamente eles são parecidos. O queixada é um animal de grande preocupação pra conservação, porque é uma espécie-chave considerada vulnerável pela IUCN, a IUCN é a União Internacional para a Conservação da Natureza, eles são uma referência mesmo pra sempre que a gente vai falar de conservação de alguma espécie, a IUCN ela tem as regras básicas pra se determinar se uma espécie vai ser mais ou menos vulnerável, mais ou menos ameaçada de extinção por caça ou por vários fatores, inclusive as listas nacionais, estaduais, que a gente tem normalmente de espécies ameaçadas levam em conta ou utilizam as mesmas regras da IUCN, então a IUCN é meio que um padrão global pra ameaças de espécies. E assim, além de tudo, a introdução dos javalis, dando origem aos javaporcos nos nossos ecossistemas, ainda é uma ameaça pra essas espécies nativas brasileiras, que ocupam o mesmo nicho ecológico, ou seja, que se alimentam basicamente das mesmas coisas, que compartilham do mesmo, ou usam, o mesmo tipo de habitat, de lugar pra viver, e essas espécies, nossas espécies brasileiras vem perdendo cada vez mais espaço no nosso ambiente, porque elas precisam competir com esses invasores, que são exóticos. E daí, cabe a gente distinguir, a gente falar um pouquinho mais sobre o que são esses exóticos invasores, porque essa denominação. Exótico a gente já falou, que é basicamente o bicho que não é daqui, não é nativo. Se não é daqui ele é exótico. Não é que ela seja um bicho estranho como a gente usa a palavra exótico no nosso contexto mais popular, né, que exótico é aquilo que estranho, que é inusitado, não deixa de ser





# Biologia In Situ Podcast

	<p>estranho porque você tá falando de estrangeiro, de uma coisa que não é daqui, mas é mais nesse sentido: não nativo. Exótico é um bicho não nativo. E invasor, um bicho se torna invasor quando ele não tá na área nativa dele e além disso ele causa um desequilíbrio na área onde ele foi introduzido. Então, se você tem, por exemplo, uma região onde vai ser instalada uma cidade, e naquela cidade vão começar a morar pessoas, e as pessoas podem levar consigo seus cachorros. Se as pessoas mantiverem os cachorros dentro de casa, os cachorros podem não se tornar invasores da área natural que permanece em volta da cidade. Se esses cachorros não tiverem controle e ficarem soltos e entrarem na área natural da cidade e começarem a caçar os ratos, os macacos, os bichos da área natural que ainda tiver além da cidade, esses cachorros se tornam aí então invasores. É quando o bicho causa mesmo um impacto naquela área onde ele foi introduzido que ele se torna um invasor.</p>
<b>Cristiane</b>	<p>E outra coisa, né, Ricardo, é a questão também da reprodução. Muitas espécies exóticas que são trazidas, por exemplo, pra outro país, às vezes, não consegue se reproduzir, então elas não geram um problema, né. Tipo ela precisa ali de alguém interferindo pra se reproduzir e como o caso do javali eles foram introduzidos conseguiram se reproduzir e aumentaram a população, então por isso que eles também têm essa característica da invasividade, né. Eles conseguem se reproduzirem aqui facilmente sem precisar da intervenção do ser humano, por exemplo, o que gera mais dificuldade no controle, né, que eles encontram aqui o ambiente propício, sem competidores e eles conseguem se reproduzirem facilmente.</p>
<b>Ricardo</b>	<p>Mas essa discussão de exóticos e invasores ela é bastante complexa e vale até a pena deixar pra o outro episódio só pra isso. Então, você bioouvinte que quer um episódio só sobre exóticos e invasores, manda uma biocartinha pra gente, comenta nas nossas redes sociais e pode sugerir também algum assunto além desse se você quiser. O nosso e-mail é <a href="mailto:cartinhas@biologiainsitu.com.br">cartinhas@biologiainsitu.com.br</a> e a gente queria aqui também, antes de continuar, agradecer a professora Cibele Biondo, da UFABC. Ela trabalha com um grupo, com queixadas, e ela gentilmente indicou referências pra gente produzir esse episódio aqui. Então muito obrigado professora Cibele Biondo da UFABC. Bom, o fato é que ainda que os babirusas compartilhem muitas características comuns a família em que o gênero está inserida, né, Suidae, esses animais eles possuem particularidades muito curiosas nos desenvolvimentos, são exatamente</p>







# Biologia In Situ Podcast

	essas particularidades que tornam esses bichos tão especiais.
<b>Ceará</b>	A babirusa fêmea pode se tornar sexualmente madura aos 5 meses de idade, podendo se reproduzir a cada 155 dias e normalmente dando cria de 1 a 2 filhotes, mesmo com alta fertilidade essa espécie está sob risco elevado de extinção. Por que será? Talvez o motivo seja fisiologia do macho. Seus ameaçadores caninos superiores crescem se curvando para cima, subindo por orifícios nasais e surgindo na frente de sua face abominável, apesar de não serem resistentes o bastante para defendê-los e seus dentes não param de crescer e de se curvar para trás até começarem lentamente a empalar o cérebro do animal.
<b>Cristianne</b>	Como vocês ouviram aí, as babirusas fêmeas podem se reproduzir a cada 5 meses, dando à luz a duas babirusinhas por gestação. Grande parte do desenvolvimento ocorre no útero, graças a esse longo tempo de gravidez, por isso, ao nascerem os filhotes se desenvolvem bem rápido. Pra vocês terem uma ideia, bio-ouvintes, eles começam a se alimentar de comidas sólidas entre 3 à 10 dias após o nascimento, mas não são bobinhos não, continuam mamando aí até os 8 meses de idade. Mas quando esses animais começam a se reproduzir? Quando eles estão vivendo livremente, se tornam sexualmente maduros aí em torno de 1 a 2 anos. Ou seja, bem rápido né? Já em cativeiro esse tempo diminui pra 5 a 10 meses. É muito doido pensar que um filhote é capaz de se reproduzir antes mesmo se desmamar. Não é? Lembra lá que eles continuam mamando até os 8 meses. Que loucura! Bem. Esse desenvolvimento não é natural. Óbvio. E é proveniente da alimentação desses animais em cativeiro que acelera, então essa fase reprodutiva aí, mas voltando a pergunta do Almanaque do Jovem Fazendeiro: Por que a espécie está em risco de extinção, já que a gente acabou de ver aí a reprodução acelerada? Será que é pelas enormes presas características da espécie? Antes da gente responder essa questão bio-ouvinte, vale a pena a gente conversar um pouquinho sobre as presas em si, tanto dos babirusas quanto das outras espécies. As presas são um tipo de dente que cresce continuamente sendo comum em elefantes, morsas, narvais, javalis e os nossos próprios babirusas. Os hipopótamos e os dugongos também possuem presas, mas ficam dentro da boca, porém... Dugongos?
<b>Ricardo</b>	Ah sim, aquele Pokémon!





# Biologia In Situ Podcast

<b>Cristianne</b>	[risos] É um Pokemon [risos]
<b>Ricardo</b>	[risos] Eu acho que aqui bio-ouvinte cabe uma explicaçãozinha que os dugongos eles são do mesmo grupo dos peixe-boi, que não são do mesmo grupo das focas, apesar do Pokémon "Seal", que é uma foquinha, evoluir para o Pokémon "Dewgong" que é um dugongo. Então...
<b>Cristianne</b>	Acho que agora todo mundo entendeu com essa referência [risos] pelo menos quem conhece.
<b>Ricardo</b>	[risos] ...é assim... Pokémon é legal, mas não confie muito no lado biológico do Pokémon não tá.
<b>Cristianne</b>	[risos] Tem alguns errinhos técnicos aí [risos].
<b>Ricardo</b>	Muitos.
<b>Cristianne</b>	[risos] Bom, né. Esses dentes aí eles acabam se projetando pra fora da boca, esse crescimento acontece graças a mecanismos biológicos que permitem a restauração, compensando o desgaste, a brasão e a fratura né que comumente acontece aí no dia- a dia. Nos caninos superiores dos babirusas machos podem medir cerca de 30 centímetros. Sim gente, 30 centímetros! E eventualmente cresce perfurando a pele do focinho se enrolando em direção a testa. Vocês agora devem ter imaginado aí né, esse formatozinho diferente do canino. A mesma coisa ela já foi observada nos caninos das mandíbulas dos machos adultos, com presas que crescem e se curvam pra fora da boca, são muito mais proeminentes nos machos do que nas fêmeas, chegando até ser ausentes nesse caso. Essa diferença ela também é observada em caninos e dentes intra-orais de outras espécies. A aparência dos suínos na Indonésia provoca curiosidade há séculos, sem exagero né, vocês devem ter percebido saí só pela minha explicação aí dos caninos. É bem provável que você já tenha ouvido falar do Charlie Darwin, pai da





# Biologia In Situ Podcast

	teoria da seleção natural, mas o que talvez você não saiba, é que a teoria tem um segundo pai o Alfred Russel Wallace. Essa história toda merece um episódio inteiro, mas vamos nos ater ao Wallace escrevendo sobre o babirusa em 1869, a gente vai voltar aí um pouquinho.
<b>Ricardo</b>	Me dê só um minutinho Cris, só uma pausa para uma observação.
<b>Cristianne</b>	Pode falar [risos]
<b>Ricardo</b>	A teoria da seleção natural tem dois pais e passar muito bem, obrigado! Não teve vida problemática por causa disso não. Era só isso que eu queria dizer.
<b>Cristianne</b>	Adorei [risos]. Adorei a colocação [risos]. Bom né, lá na ocasião, nenhum papel biológico foi identificado, levando Wallace a pensar a que essas grandes presas seriam resultado de uma seleção sexual possível característica presentes nos machos, mas uma outra possibilidade já levantada, é de que as presas superiores elas vão auxiliar aí na proteção do rosto, enquanto as inferiores que são mais robustas e resistentes, sejam usadas em combates para dar cabeçadas ou segurar as presas do oponente. Bom, nessa discussão ainda não tem uma resposta, havendo argumentos à favor e argumentos contra. Uma parte da academia diz que é pouco provável a seleção sexual acontecer dessa forma, por não haver evidências de que as fêmeas tenham preferências pelas presas anormais. E quanto ao padrão de desgastes dos caninos e as observações de comportamentos dos animais, também não suportam a ideia do combate. É importante também comentar aqui pra vocês que pouco se sabe sobre o cuidado materno combatível, o que pode ter contribuído com a redução da produção seletiva das presas nas fêmeas.
<b>Ricardo</b>	Então, Cris, vocês estão dizendo pra gente aqui que o pessoal tá na dúvida se o babirusa é mais violento ou não? Por aí?
<b>Cristianne</b>	Sim. Sim e não na verdade né, porque pode ser uma característica só pra atrair a fêmea né, que pode denotar aí um poder de proteção maior





# Biologia In Situ Podcast

	para os filhotes né, exemplo de um combate aí quando acontece, mas aí eles também têm essa dúvida aí porque a fêmea não apresenta né. Muitos das fêmeas não apresentam, então tem uma redução aí. e aí a gente tem um cuidado materno também né. O que pode ter contribuído pra essa redução nos casos das fêmeas nessa seleção. Então eles não chegaram a nenhuma conclusão. Não tem evidências que suportem nenhuma das duas possibilidades aí que foram levantadas, nem aí da seleção sexual e nem a dos desgastes que é o que foi observado no comportamento de combate desses animais.
<b>Ricardo</b>	Então fica aí para o bio-ouvinte então a imagem mental de dois porcos pigmeus lutando.
<b>Cristianne</b>	[risos] Lutando. Bom, o crescimento ele é um processo que é bastante complexo. Há uma pesquisa aí que relatam que a erupção das presas está associada a uma elevação do nível de testosterona. O que justifica são a característica importante dos machos da espécie. Se faz necessário uma coordenação entre crescimento e curvatura, evitando a perfuração do próprio crânio. Lembra lá que o dente ele dá uma volta em direção ao crânio? No início do crescimento a ponta dos dentes apontam na direção da própria cabeça, mas ao longo do desenvolvimento essa ponta se curva na direção contrária. Ainda bem né Ricardo [risos]. Já pensou?
<b>Ricardo</b>	Menina! Imagina? [risos] Que perigo logo na direção da cabeça?
<b>Cristianne</b>	Pois é bio-ouvintes. As famigeradas presas são mais uma das umas exceções á regras encontradas na natureza. O desenvolvimento dos babirusas podem ocorrer diferente do esperado levando a perfuração do crânio com consequência cegueira ou morte do animal, claro que é uma anormalidade, dessas que merece destaque e por isso é possível encontrar fotos na internet dessas exceções que não reflete o mundo natural. Eu não sei você Ricardo, mas eu não curtiria ver essas fotos não.
<b>Ricardo</b>	Pois é eu não....
<b>Cristianne</b>	Deve ser triste, né? Não é uma coisa legal, eu acho. Mas quem quiser dar uma checada.





# Biologia In Situ Podcast

<b>Ricardo</b>	Eu até é, eu tô bem, eu tô bem.
<b>Cristianne</b>	Eu também tô bem assim. Eu não quero ter essa imagem na minha cabeça.
<b>Ricardo</b>	Eu acho que eu tô legal sem passar por isso [risos] .
<b>Cristianne</b>	Oh. Mas se o motivo não são os caninos perfuradores de crânio. Por que que é que a espécie está então em risco elevado de extinção? A gente ainda não chegou nessa conclusão, né, Ricardo?
<b>Ricardo</b>	Pois é e a gente então agora pra uma próxima parte do Informe no Almanaque de novo. Então, fica aí gente com mais um trequinho do almanaque.
<b>Ceará</b>	De comportamento normalmente dócil e com risco de extinção, o babirusa mede cerca de 95 cm, que é exatamente o mesmo comprimento do rifle de caça modelo outfitter G2, calibre 44. Não que eu esteja sugerindo algo, é apenas um fato que lembrei, sem aparente razão...É preciso aplaudir a beleza inspiradora dos desígnios da mãe natureza, sempre tão sábia! É preciso celebrar a evolução natural, que poupa o babirusa ancião de ter de lidar com as leis locais de eutanásia. Leis que o proibiriam de implorar para que terminem rapidamente sua vida miserável por sofrer a mais avassaladora, progressiva e mortal dor de cabeça do planeta. Afinal de contas, as leis estão aí para nos proteger de nós mesmos, não é mesmo? É por isso que nosso país tem tantas leis!"
<b>Ricardo</b>	Ahhh... lista vermelha da IUCN. Lembra que a gente já falou da IUCN hoje? Então, a IUCN além de dar as normas de classificação pra ameaça das espécies, ela tem uma lista vermelha das espécies que classifica as espécies que já tem informações suficiente pra serem classificadas nas suas devidas categorias de ameaças. As 3 variedades que a gente tem de babirusa, aquelas 3 que a gente falou lá no início do episódio, todas elas se encontram em declínio populacional. Populações estão diminuindo e especialmente o babirusa de Togian que tem cerca de mil indivíduos adultos somente. Poucos são os





# Biologia In Situ Podcast

	predadores naturais do babirusa, quando eles são jovens eles são predados pela cobra Python, a <i>Python reticulatus</i> ou a <i>Python molurus</i> e também pela civeta de <i>Palmeira dissularesi</i> . E lembra do... acabou de ter um episódio que a gente falou da civeta, até quando a gente falou de café de civeta foi em pouquíssimo tempo.
<b>Cristianne</b>	Sim, sim.
<b>Ricardo</b>	Foi... civeta que é um bichinho que ele tem uma carinha de gato, carinha de raposa, carinha de raposa com corpo de gato, acho foi isso que eu falei [risos] foi o que eu tava tentando descrever muito mal e obviamente a civeta [risos] então essa cobra Python que ela tem um porte maior e a civeta que preda uns jovens babirusas. E destacando a predação, os motivos por trás do declínio da população, das populações de babirusas terem caído são principalmente a caça em decorrência do consumo da carne e também a extração de madeira comercial em larga escala que diminui consideravelmente o habitat, as florestas que esses bichos vivem, então eles ficam ainda mais vulneráveis à predação e a caça. Apesar das dificuldades impostas e da proibição da caça desde 1999 em alguns lugares da Indonésia, a carne desses suínos ainda é muito visada pelo alto valor de mercado de animais silvestres, até porque quando um item se torna mais difícil de ser adquirido, naturalmente no mercado o valor dele aumenta. Então os caçadores costumam precisar de mais menos 1 semana pra adentrar a floresta, caçar e trazer os pedaços cortados ainda na mata de volta pro mercado. Segundo um artigo de 1997 que saiu na revista Ecological Application, a melhor forma de redução de caças sobre as espécies é aplicando multas pela venda da carne no mercado final. Também apontam que se as condições econômicas da região melhorassem reduziria substancialmente a taxa de caça local e isso gente não é uma coisa só da Indonésia. Isso é uma coisa que a gente tem aqui no Brasil. Isso é uma coisa que a gente tem na China. Não é à toa a gente tem e estar sofrendo aí uma pandemia de origem é. ainda não tão certo assim, mas provavelmente foi devido a manipulação de carne de animais selvagens e acho que aqui cabe também Cris, a gente levantar um ponto que foi muito falado quando principalmente quando começou a pandemia do Covid-19 que foi um preconceito contra Chineses que surgiu bastante quando começou a se avaliar que a Covid poderia ter vindo da manipulação de carnes de animais silvestres em mercados chineses e gente não tem o porquê atacar um povo por causa de um costume que o seu próprio povo também faz. Se for pra atacar um, ataca todo mundo e falar pra todo





# Biologia In Situ Podcast

	... mundo parar de manipular carne selvagem. A gente não pode olhar...
<b>Cristianne</b>	Se o problema na caça fosse só na China né. A gente não teria esse problema mundial que a gente tem né com as espécies nativas. então...
<b>Ricardo</b>	Pois é, e a gente não teria ameaça de novas pandemias de vários países, não só na China. A China foi agora.
<b>Cristianne</b>	Exato.
<b>Ricardo</b>	Aonde vai ser a próxima? Pode ser muito bem ser aqui no Brasil através de manipulação da carne de tatu ou da carne de Tamanduá, que são animais que são caçados pra consumo também, queixada que é o suíno daqui como a gente já falou, então...
<b>Cristianne</b>	Vários animais que são visados no mercado né por causa da caça, são animais que carregam várias zoonoses e as pessoas consomem aí sem... tendo ou não consciência disso né e acabam por facilitar a chegada dessas zoonoses pra gente, pra espécie humana, mas aí é fácil apontar lá o dedo lá pro Chinês, né e dizer que só eles que fazem isso, se a gente esquecer que o nosso próprio povo tem esse costume. E a gente não tá falando aqui da caça também de comunidades né que, comunidades indígenas que fazem isso a milênios de anos, é uma caça totalmente diferente, totalmente predatória e sem controle nenhum né dos animais que são caçados por exemplo, então, é bem pontuado isso Ricardo, os nossos preconceitos, né?
<b>Ricardo</b>	Sim, a gente não vê uma... a gente não consegue ver uma oportunidade de dizer um preconceito que a gente não aproveite e a gente muitas vezes esquece de ver que a gente também faz exatamente aquela exata mesma coisa, no interior do Brasil principalmente você ver muito bicho selvagem sendo caçado pra comer e aqui também como esses estudo de 1997, desde 1997 esse estudo ele aponta que se as condições econômicas da região melhorassem reduziria substancialmente a taxa de caça local. Cara eu vejo isso muito se aplicando aqui também. Porque quem é que iria se meter no meio da





# Biologia In Situ Podcast

	<p>mata para caçar um bicho que nem sabe se tem doença ou não pra comer, se a pessoa tivesse condições de comprar uma carne no mercado?</p>
<b>Cristianne</b>	<p>Exato. E muitas vezes a caça também é uma forma de renda né pra essas populações que lidam com problemas sociais diversos e aí precisam de alguma forma ter uma renda extra ali pra alimentar sua família, porque não é só de caça que vive a pessoa. A pessoa precisa comprar um gás pra fazer sua comida, precisa comprar roupa, então é um problema social que atenua esse problema ambiental também, né? Que é da pressão pela caça que a gente não discute muito né, não colocar isso em discussão, a gente aponta "Ah tem que acabar com a caça." Mas esquece dessas pessoas que estão também em situação de vulnerabilidade e por isso que caçam esses animais pra vender e conseguir alguma renda ou pra se alimentar mesmo. Eu acho que não é nem um problema da caça para a alimentação, é o da caça que alimenta o mercado negro, que exige muito e demanda muito mais do que pra própria alimentação, consumo próprio e aí sim que a gente tem toda essa problemática ambiental, mas que vem da nossa problemática social também como um país, então é complicado.</p>
<b>Ricardo</b>	<p>Sim, exatamente e pra não dizer que a gente taá aqui só apontando problema, uma coisa que acontece bastante, muitos projetos ambientais lidam com isso é a conversão de caçadores em educadores ambientais, isso acontece muito, tem vários projetos no Brasil que já fizeram e fazem isso que fazem uma intervenção na área e começam a trabalhar com a população local a possibilidade de explorar turisticamente o turismo ecológico daquela região e aí muitas vezes a pessoa que caçava passa a ser um guia turístico ambiental daquela região, porque? pois aquela pessoa conhece as matas ali mais do que ninguém, então essa pessoa passa de... assim, várias entrevistas com locais que passaram de caçadores à educadores ambientais, é, eles falam assim, pelo menos umas 3 entrevistas de pessoas que passaram por isso, eles falam da satisfação que eles sentem de não precisar mais matar os bichos e poder ajudar a conservar aquela área, aqueles bichos que eles caçavam, é incrível isso. Você dá uma oportunidade, da pessoa ter um comportamento diferente, muitas vezes ela pode e vai querer ter um comportamento diferente.</p>







# Biologia In Situ Podcast

<b>Ricardo</b>	Muitas vezes ela pode e vai querer ter um comportamento diferente.
<b>Cristianne</b>	Que muitas vezes o comportamento dela vem de uma necessidade básica de sobrevivência...
<b>Ricardo</b>	Sim, sim! [ao fundo]
<b>Cristianne</b>	De se manter ali, não é algo prazeroso que ela vá lá, principalmente essas populações, essas comunidades que tem mais contato com esses animais, desde cedo né, desde a infância eles tem contato com essas espécies, conhecem muito do ciclo de vida, é difícil pra eles "tarem" lá exaurindo essas populações né, algo que eles sentem prazer, eles "tão" vendo né, que "tá" tendo mais pássaro menos pássaro, menos javalis ali que são naturais daquela área, mas que por uma necessidade básica mesmo, eles tem que fazer aquilo e se você dá outra oportunidade de geração de renda pra essas pessoas, elas vão acabar cuidando muito melhor do meio ambiente e protegendo né, o que né, importante também a gente ter essas pessoas que tem esse contato mais próximo e conseguem "tá" fazendo controle mesmo dessa pressão que acontece, porque muitas vezes também tem pessoas que são atraídas pra esses locais né, por causa da caça e se você não tem ninguém lá pra conseguir ter esse controle né, saber o que essas pessoas "tão" fazendo ali e tentar educá-los fica muito mais difícil, porque a gente tem as pessoas da comunidade ali que praticam isso por necessidade, mas também tem uma atração de pessoas de fora né, que acabam vindo atraídas pela caça, e aí, assim por prazer né porque essas pessoas não tem uma história, elas querem ter um momento ali prazeroso, exercendo aquela atividade, mas é isso né! Que bom que existe esses projetos e seria muito bom, se a gente conseguisse disseminar muito mais educadores dessa forma né, tirar essas pessoas dessas condições que não são satisfatórias, como muitos colocaram aí pra eles.
<b>Ricardo</b>	Sim, sim! O Brasil é um dos países de maior bio..., acho que é o país de maior biodiversidade do mundo e a gente tem alguns hotspots de biodiversidade, que são pontos em que a biodiversidade que o endemismo é muito grande, muitas espécies exclusivas...





# Biologia In Situ Podcast

<b>Cristianne</b>	Sim! [ao fundo]
<b>Ricardo</b>	Daqueles lugares e a gente precisa aproveitar isso, não só explorar, explorar a gente viu no que dá, a gente fica sem nada e a gente inevitavelmente é levado para o fundo do poço junto com o que a gente destrói. Então, a gente conservando e se aproveitando disso, é o melhor cenário! Bom, e a já que a gente "tá" falando dos problemas dos porcos com presas curiosas, "vamo" aproveitar o gancho pra falar dos irmãos suínos, que invasores na América do Sul, lembra lá dos javalis?! Então, pela alta densidade populacional e pelo comportamento de remexe o solo com focinho criando poços e buracos, os javalis são considerados grandes engenheiros do ecossistema. Mas, nem tudo são flores exatamente pelo mesmo comportamento de remexer o solo somado a percorrer grandes áreas em busca de comida, grande parte da vegetação dos territórios e dos idos ecológicos são impactados, assim como nós falamos lá no início do episódio. As espécies nativas, são prejudicadas por disputarem a predação dos animais locais e esse problema se intensifica com o cruzamento dos porcos domésticos e dos javalis, como a gente já falou também que geram os javasporcos, eles se reproduzem sem controle das áreas rurais brasileiros por não terem predadores naturais... como já falei né, o bicho que eu encontrei, esses bichos são gigantes! Tão não tem muito bicho que consiga dá conta, as vezes uma onça pintada consegue dá conta de um bicho desse, uma suçuarana - onça parda - como se pode dá conta de um bicho desse. Mas, eles andam em bandos, as vezes bandos, varas né - que são porcos - eles andam em varas e as vezes são dezenas de indivíduos, às vezes...
<b>Cristianne</b>	É, ninguém vai querer mexer com um bando desses...
<b>Ricardo</b>	Pois é! [ao fundo]
<b>Cristianne</b>	Do tamanho de capo de um carro...
<b>Ricardo</b>	Pois é, pois é! [ao fundo]





# Biologia In Situ Podcast

<b>Cristianne</b>	[risos] Num mano a mano! [risos]
<b>Ricardo</b>	Os grandes felinos que a gente tem aqui no Brasil, são de vida solitária, só se encontram pra reproduzir e, esses bichos - os javasporcos e os javalis - eles são grandes e eles são é... são, eles atacam mesmo, eles são mais arredios, eles não são tanto de fugir, eles atacam quando precisa mesmo e, daí dificulta né! [risos] Como que você vai...
<b>Cristianne</b>	Sim! [ao fundo]
<b>Ricardo</b>	...ter um felino grande pra atacar uma de porcos gigantes e bravos. [risos]
<b>Cristianne</b>	É, exato! [ao fundo]
<b>Ricardo</b>	É complicado! A gente não tem grupos de felinos gigantes - o único felino grande que faz grupo é o leão - e gente o leão é da África, não tem leão na natureza no Brasil, ao contrário de que algumas pessoas pensam, porque... [risos] Cris! Já aconteceu... A Renata, sabe dessa história - Renata, nossa coordenadora de produção de pautas, sabe dessa história. Ah, não era a Renata que tava não! Era outra pessoa! Bom, enfim... [risos]. Cris! [risos]...
<b>Cristianne</b>	Então, conta aí! [risos]
<b>Ricardo</b>	Uma vez lá na Serra da Canastra mesmo, Cerrado - pleno Cerrado brasileiro - veio uma, a gente "ava lá descansando no, numa área do parque que é aberta à visitação...
<b>Cristianne</b>	Uhum! [ao fundo]
<b>Ricardo</b>	Entre um trabalho e outro, a gente parou um pouquinho pra descansar





# Biologia In Situ Podcast

	ali, almoçar e descansar um pouco. Aí veio a moça né, turista que tava visitando o parque, mas pra ir na cachoeira, pra estar visitando aquela área do parque e ela perguntou: "Por aqui tem perigo de aparecer leão?"
<b>Cristianne</b>	[risos]
<b>Ricardo</b>	No momento, a gente fico meio perdido né, a gente ué!
<b>Cristianne</b>	Será que eu tô na África ou tô no Brasil? Aconteceu algum erro na matrix aqui? [risos]
<b>Ricardo</b>	Tô, será que tô em Alagoinhas?
<b>Cristianne</b>	[risos]
<b>Ricardo</b>	Aí a minha colega de equipe, acho que ela não teve, ela deve ter ficado tão perdida quanto eu que ela falou: "Não, leão é na África!" [risos]
<b>Cristianne</b>	[risos]
<b>Ricardo</b>	[risos]
<b>Cristianne</b>	Cê não tá fazendo o safari, não! [risos]
<b>Ricardo</b>	[risos]
<b>Cristianne</b>	Fica tranquila!
<b>Ricardo</b>	Eu até acho que a moça que fez a pergunta, deve ter ficado até meio





# Biologia In Situ Podcast

	sem graça, que ela nem quis mais papo, coitada! [risos]
<b>Cristianne</b>	É, tipo, nem vô puxa mais nenhuma gafe aqui. Vai que! [risos]
<b>Ricardo</b>	[risos] Eu acho que isso também puxa um pouco de... a gente como pessoas da ciência, a gente tem que ter sempre um, um tato a mais pra falar com as pessoas, porque ninguém é obrigado né, também a saber [risos]...
<b>Cristianne</b>	Sim, sim! [ao fundo]
<b>Ricardo</b>	Tem coisas que pra gente é muito básica, que pra outras pessoas são, não, simplesmente não é da realidade daquela pessoa, então, às vezes, a gente precisa ter mesmo uma não né, aqui não tem leão, leão é só na África, aqui tem onça! Mas, pode ficar tranquila que contendo movimento aqui ela não vai aparecer. [risos]
<b>Cristianne</b>	É! [risos] Mas, é importante né como você falou, a gente é um país de grande diversidade, de grande biodiversidade, mas que por muitos ainda é desconhecida né, as pessoas não tem contato com essa grande biodiversidade... então, por isso eu acho que tem grande dificuldade do conservar né, da conservação, porque, às vezes, fica muito distante e as pessoas não tem noção do quanto isso impacta, então é normal a gente encontrar assim, é claro! Como você fala né, eu trabalho e trabalhei com cactos, muita gente acha que a palma é um cacto nativo, porque a gente tem palma aqui por onde a gente vá, tipo é utilizado muito pra alimentação, mas a palma não é uma nativa, confunde algumas espécies né de Euphorbiaceae com espécie de cactáceas, porque são muito parecidas. Então como você falou, a gente tem que ter esse tato de explicar e, as pessoas ficam depois: “ Nossa, nossa não sabia disso”, né? Então, quer dizer que não é daqui, mas tem outras espécies que são nativas e também podem ser utilizadas pro consumo e etc., mas que poucas pessoas sabem né, e é isso! E, às vezes até bom né, não saber porque...
<b>Ricardo</b>	[risos]





# Biologia In Situ Podcast

<b>Cristianne</b>	[risos] As pessoas não sabem muito bem manejar, algumas espécies... [risos]
<b>Ricardo</b>	[risos]
<b>Cristianne</b>	...Então, é aquilo... A gente tem que sempre ter o tato de falar com as pessoas e explicar a importância né, dessas espécies... Não tem leão? Aí que triste! Mas a gente tem a onça. Por que não proteger a onça, né? Por que não proteger outros animais que nós temos aqui, que são nativos e que acabam em grupos muito pequenos na população, já sofrendo a grande pressão e como a gente tava vendo aí nos últimos dias vários animais encontrados mortos, né? É muito triste ver isso... Então, é importante a gente conhecer também um pouquinho do nosso país, né? A gente, às vezes esquece de olhar pra dentro, a gente olha muito pra fora e esquece de olhar pra grande diversidade que a gente tem aqui ao nosso redor.
<b>Ricardo</b>	Sim! E isso começa lá da escolinha, porque como que a criança é alfabetizada com e de elefante, g de girafa...
<b>Cristianne</b>	[ao fundo] g de girafa!
<b>Ricardo</b>	Z de zebra, l de leão...
<b>Cristianne</b>	L de leão!
<b>Ricardo</b>	Não tem nenhum desses bichos aqui!
<b>Cristianne</b>	Exato! E nos livros didáticos continuam assim, né? Você vê lá imagens nos livros didáticos da Savana Africana, então tudo bem ter as imagens pra gente conhecer, mas existem espécies aqui que ocorrem em áreas que são parecidas, que não constam nos livros didáticos, não trazem





# Biologia In Situ Podcast

	exemplos né, da nossa fauna e flora muitas das vezes, então é difícil as pessoas terem esse conhecimento e ter esse discernimento, do que realmente é nativo do Brasil e do que não é, se ela vê desde cedo que l é de leão, e o leão aparece no livro didático pra ela até quando ela se forma, é natural ela achar que vai ter leão também andando por aqui! [risos]
<b>Ricardo</b>	E como a maior parte das populações, estão nas cidades, muitas vezes a pessoa que viu algum animal selvagem ao vivo, foi através de zoológico que vai ter muitas espécies exóticas, que chamam muita atenção né!
<b>Cristianne</b>	Sim, sim! Mas, a gente poderia ter essa mesma atenção pras nativas né, porque aquela espécie fofinha que a gente usa de exemplo lá pra tudo é espécie exótica né, a gente esquece as nossas, nossos exemplos nativos pra isso! E nas propagandas aparecem os outros de fora e não os nossos fofinhos que a gente tem aqui! [risos] Muita pouca gente conhece...
<b>Ricardo</b>	Pois é! [ao fundo]
<b>Cristianne</b>	E usa como exemplo!
<b>Ricardo</b>	É, a gente divergiu um pouco do assunto, mas foi muito bom porque a gente falou de umas coisas muito legais aqui! A gente tava falando antes Cris, da problemática dos javaporcos e dos javalis nas áreas rurais e isso vai muito além dos danos ambientais, é esses suínos exóticos, eles podem invadir e destruir plantações inteiras comprometendo safras e sendo vetores de zoonoses também! Na tentativa de amenizar a caça aos javalis e os javaporcos, foi regulamentado no Rio Grande do Sul desde 95 em todo país desde 2013, em 2019 o Ibama regulamentou a caça aos javalis e os javaporcos com cães, armadilhas e armas desde que as pessoas se cadastrem no CTF que é o Cadastro Técnico Federal do Ibama, na categoria manejo de fauna exótica invasora e também se cadastre no SIMAF que o Sistema de Informação de Manejo de Fauna, é recomendado que os animais mortos sejam enterrados e não consumidos por serem vetores de zoonoses como já foi dito! Porém, é muito comum você entrar nas redes sociais de pessoas ou grupos que





# Biologia In Situ Podcast

	sabidamente fazem essa caça que são autorizados até fazer essa caça e, que assim, coincidentemente, pra gente não ser processado, pouco depois de um pessoal postar umas fotos, imagens e vídeos que eles fizeram, um dia ou dois depois, um tempinho depois, eles começam a postar imagens de churrasco exorbitantes, então pode ser que... Não estamos afirmando . Pode ser que [risos], parte das pessoas que estejam autorizadas mesmo a fazer a caça, estejam consumindo a carne desses animais e isso... Olha! Isso tem cheiro de gente, que tava falando que o chinês é nojento porque come morcego e depois tá comprando arma, caçando com cachorro, botando armadilha e comendo javaporco, mas isso tem um cheirinho de, daquele ranço de verde amarelo, sabe?
<b>Cristianne</b>	Bem isso! [ao fundo]
<b>Ricardo</b>	Sabe o que eu tô falando né?!
<b>Cristianne</b>	Uhum! Sim, eu entendo muito bem! [risos]
<b>Ricardo</b>	Tem esse cheirinho! Eu não estou afirmando nada, estou apenas conjecturando!
<b>Cristianne</b>	Só suposições! [risos]
<b>Ricardo</b>	E o problema da caça autorizada, mesmo que pra controle populacional é que dá margem pra abertura de processos judiciais pra caça de outros animais, ou seja, como que se vai garantir, principalmente com esse governo que está desmontando completamente o Ibama e CMBio, como que se vai garantir ou fiscalizar que aquele pessoal que tá indo caçar, tá autorizado pra caçar javali e javaporco, vai caçar só esses animais, que eles não vão querer supostamente fazer churrasão com tatu e tamanduá também pra variar de carne, é não tem como garantir!
<b>Cristianne</b>	Como é que anda essa fiscalização, né?







# Biologia In Situ Podcast

<b>Ricardo</b>	Ela anda completamente inexistente!
<b>Cristianne</b>	Será que tem?
<b>Ricardo</b>	Outro dia mesmo...
<b>Cristianne</b>	Porque já "tão" vendendo os carros,né! [risos]
<b>Ricardo</b>	Outro dia mesmo, a gente tava compartilhando essa notícia de que tava tendo um leilão de bens do Ibama... agora gente! os fiscais do Ibama, já não podem mais carregar arma, eles que se virem quando lidam com criminosos e eles lidam muito com gente criminosas, eles voltam agora a ficar sem material, porque tão fazendo leilão dos bens do Ibama, a próxima desculpa vai ser o que? Que não tem os aparelhos, foram vendidos.
<b>Cristianne</b>	Sim! Vamos trancafiar esses profissionais dentro de uma salinha pra que eles não consigam cumprir né, o seu papel [risos], que eles teriam ali pra cumprir, eles ficam presos lá e acontece tudo e eles não tem como chegar até o ponto que tá acontecendo o crime ambiental ou constatar um crime ocorrendo, então é aquele governo do apaga né, apaga e finge que não tá acontecendo e vai levando!
<b>Ricardo</b>	É! E não abre concurso, então continua sem pessoal, vai saindo pra outras áreas ou vai se aposentando, então vai saindo, não entra gente nova pra ocupar as vagas, quem fica, fica limitado a trabalhar numa salinha com seu computador e no máximo um carimbo na mão, um carimbo pré feito de liberação... então chega um material madeireiro, eu posso fechar isso aqui, posso impedir isso aqui? Não você só tem um carimbo de liberação [risos]... Quando o próprio ministro do meio ambiente vai lá na madeireira, você vai fazer o quê?! Você como fiscal do Ibama, você vai fazer o quê?
<b>Cristianne</b>	Nem quando as cargas foram aprisionadas lá nos Estados Unidos pelos





# Biologia In Situ Podcast

	órgãos ambientais de lá e foi constatado né que eram cargas ilegais, deram um jeitinho né, deram aquele jeitinho brasileiro pra passar a boiada, então o que fazer, né? Se todos os recursos são tirados ninguém vai pra linha de fogo sem nenhuma proteção.
<b>Ricardo</b>	Pois é! a porteira "tá" aberta, escancarada a boiada "tá" passando e gritando mito!
<b>Cristianne</b>	Bem isso, a realidade!
<b>[Música de fundo]</b>	
<b>Cristianne</b>	Bem, é claro que a curiosa anatomia dos dentes caninos tem sido um dos principais fatores investigados sobre o gênero <i>Babirusa</i> , tanto estudo dedicado a isso auxiliou também no entendimento sobre o comportamento agnóstico do animal, mas talvez uma das linhas de estudos mais importantes seja a que busca elucidar a filogenia das espécies e subespécies do gênero... Há quase 20 anos dois pesquisadores da Universidade Nacional da Austrália, propuseram mudanças taxonômicas do gênero para que as quatro subespécies fossem elevadas ao nível de espécie, isso considerando a morfologia externa e as características dos dentes, no entanto, ainda faltava lacunas de informação pra entender as fronteiras das espécies, o que é de grande importância, já que os babirusas são ameaçados pela caça e destruição de habitat... Em 2002, os mesmos pesquisadores propuseram que três subespécies passassem ao nível de espécie, isso foi baseado em que?! Foram baseados em análises estatísticas de medidas de crânios e dentes de coleções de museus e também de medidas de um subfóssil do <i>Babirusa babyrussa bolabatuensis</i> . Bom! Nos últimos cinco anos cientistas como, Alaster da Universidade de Edimburgo, tem investigado uma diversidade de crânios de babirusas de curadorias de museus e coleções privadas, na tentativa de analisar as variações no crescimento e nas disposições dos caninos que poderiam ter afetado de forma diferente esses indivíduos, tá vendo só como esses caninos tem importância né, Ricardo?
<b>Ricardo</b>	Pois é, menina! Com os meus aqui mal consigo cortar a comida!





# Biologia In Situ Podcast

<b>Cristianne</b>	Pra você ver o poder do canino... [risos] desse gênero! Bom, bio-ouvintes, as pesquisas sobre eles também têm grande importância na conservação das espécies é claro! Uma revisão de 2018 sobre o status de pesquisa dos mamíferos de Sulawesi os autores incentivaram fortemente a pesquisa sobre: O ameaçado <i>Babyrousa togeanensis</i> , pois a mesma é tratada somente em um artigo e possui uma abrangência geográfica limitada nas Ilhas Togian, é impressionante pensar que ainda que uma característica anatômica possa afetar toda a existência de uma espécie ainda é a estupidez humana que está interferindo de forma brusca e causando a pressão que pode levar a extinção desses animais e possivelmente interferindo em diversos ecossistemas. Decepcionante sempre, mas nunca surpreendente! é uma história que se repete lá, aqui e acolá!
<b>[Música de fundo]</b>	
<b>Ricardo</b>	Ei! Vamô começar a gravação de mais um Biologia In Situ, se você "tá" ouvindo isso é porque deu tudo certo, se você não "tá" ouvindo isso é porque, bom, não faz sentido eu falar se você não tá ouvindo isso!
<b>[Efeito sonoro de abertura do Windows]</b>	
<b>Ricardo</b>	E hoje a gente vai falar, do biometac, não! Baribusas!
<b>[Efeito sonoro de contagem regressiva]</b>	
<b>Cristianne</b>	As baribusas fêmeas podem se reproduzir a cada cinco meses dando à luz...





# Biologia In Situ Podcast

<b>Ricardo</b>	[risos ao fundo] O Cris, desculpa! [risos] é que você falou...
<b>Cristianne</b>	[risos] Até deu aqui uma travada!
[efeito sonoro de contagem regressiva]	
<b>Cristianne</b>	Como vocês ouviram ai, as bari... só um instante!
<b>Ricardo</b>	[risos ao fundo]
<b>Cristianne</b>	Que a porta tá mexendo sozinha! [risos] Calma aí, só eu fechar essa porta aqui, porque não dá não!
<b>Ricardo</b>	Baribusa, baribusa!
<b>Cristianne</b>	"Tá" mexendo só!
<b>Ricardo</b>	[risos]
[efeito sonoro de contagem regressiva]	
<b>Cristianne</b>	E vale a pena, a gente conversar um pouquinho sobre as presas em si, tanto dos baribusas quanto de outras espécies...
<b>Ricardo</b>	[risos]





# Biologia In Situ Podcast

<b>Cristianne</b>	Baribus... [risos] gente, o que tenho com esse nome? [risos]
<b>Ricardo</b>	[risos] Acho que vai pegar hein!
<b>Cristianne</b>	Vai pegar baribusa, vou voltar! [risos]
<b>Ricardo</b>	A gente vai ver no dicionário daqui a pouco!
<b>Cristianne</b>	É, babirusas!
<b>Efeito sonoros Contagem regressiva</b>	
<b>Cristianne</b>	Foram utilizadas medidas de um subfóssil do <i>Baribusa bolabatuenses...</i> [risos]
<b>Ricardo</b>	[risos]
<b>Cristianne</b>	Vai lá trava-língua! <i>Baribusa bolabatuenses...</i> [risos]
<b>Ricardo</b>	Tem que ver no final a contagem de baribusa! Será que nossos ouvintes são jovens e a gente é cringe?
<b>[efeitos sonoros]</b>	
<b>Cristianne</b>	Ah, será que a gente já se entregou aqui? Eita! Eu tô pensando que sim, hein? [risos] Eu tô pensando. Pai, paiê!
<b>Ricardo</b>	Esse episódio teve locução de Cristianne Santos e Ricardo Gomes. Desenvolvimento de Pautas de Alice Campos, Gabriel Poccia,





# Biologia In Situ Podcast

Mariana Santos, Ricardo Gomes, Vitor Lopes e Wallace Kawati. A revisão e roteiros foram feitos por Renata Santos e Gabriel Oliveira. Edição de áudio por Débora Henriques e a transcrição por Cristianne, Laura Batista, Maycon Trindades e Melissa Cabral.

